



UFOP
Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE MINAS



MONOGRAFIA

**A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO INFORMAL:
O CASO DOS OPERADORES *FREELANCERS* DE UMA EMPRESA DE PEQUENO
PORTE**

Sophia Franco Cunha Ferreira Guedes

Ouro Preto, MG
2022

Sophia Franco Cunha Ferreira Guedes

**A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO INFORMAL:
O CASO DOS OPERADORES *FREELANCERS* DE UMA EMPRESA DE PEQUENO
PORTE**

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Engenharia de Produção.

Área de concentração:

Orientador: Prof. Doutorando Yã Grossi
Andrade

Coorientadora: Prof^a. Doutora Tays
Torres Ribeiro das Chagas

Ouro Preto, MG
2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G924a Guedes, Sophia Franco Cunha Ferreira.
A precariedade do trabalho informal [manuscrito]: o caso dos
trabalhadores freelancers de uma empresa de pequeno porte. / Sophia
Franco Cunha Ferreira Guedes. - 2022.
33 f.: il.: color., gráf..

Orientador: Prof. Dr. Yã Grossi Andrade.
Coorientadora: Profa. Dra. Tays Torres Ribeiro Chagas.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Minas. Graduação em Engenharia de Produção .

1. Ambiente de trabalho. 2. Pequenas e médias empresas -
Administração. 3. Trabalho informal. 4. Trabalhadores. I. Andrade, Yã
Grossi. II. Chagas, Tays Torres Ribeiro. III. Universidade Federal de Ouro
Preto. IV. Título.

CDU 658.5

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Sophia Franco Cunha Ferreira Guedes (S. F. C. F.G)

A precarização do trabalho informal: o caso dos operadores *freelancers* de uma empresa de pequeno porte.

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro de Produção.

Aprovada em 21 de outubro de 2022.

Membros da banca

[M.sc] - Yã Grossi Andrade - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Dra.] - Tays Torres Ribeiro das Chagas - Co-orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Dr.] - Magno Silvério Campos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Yã Grossi Andrade, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/10/2022



Documento assinado eletronicamente por **Ya Grossi Andrade, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/10/2022, às 18:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0415995** e o código CRC **32FE0C06**.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha família, a Victória que me ajudou muito nessa reta final, aos amigos e a todos os que me apoiaram ao longo dessa caminhada durante minha graduação. Agradeço aos mestres do DEPRO (Departamento de Engenharia de Produção, Administração e Economia) e, em especial, a minha orientadora por ter me mostrado o melhor caminho para chegar até aqui, muito obrigada.

A todos que cruzaram meu caminho, que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento e para que eu pudesse estar na reta final da graduação.

RESUMO

Este estudo aborda questões relacionadas à precariedade presente no trabalho informal dos operadores *freelancers* evidenciada dentro de uma empresa de pequeno porte. Assim sendo, procurou-se aprofundar no tema que foi objeto de estudo, levando em consideração os relatos de seis operadores, dentre eles dois contratados e quatro *freelancers*, na empresa estudada. Dentre os principais resultados encontrados observou-se que os trabalhadores informais são uma classe desfavorecida, expostos a ambientes de trabalho precários e suscetíveis a jornadas exaustivas. Relaciona-se então, a informalidade ao adoecimento do trabalhador, uma vez que ele se submete a longos períodos de trabalho expondo a sua saúde. Em consonância a isto, percebeu-se que a precariedade se mostrou ainda mais evidente nos anos de 2019 e 2020, que correspondeu ao período de pandemia de Covid-19. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, seguido de uma entrevista semiestruturada ou aberta. Assim, foi possível concluir que a os operadores *freelancers* ocupam a classe da informalidade e de trabalho precário.

Palavras Chave: Condições de trabalho. Empresa de pequeno porte. Informalidade. Trabalhadores.

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze and identify the precariousness of informal workers employed by small business. Therefore, in order to go deeper into the subject of this study, four *freelancers* operators and two contracted operators were interviewed to gather information and data. The main results of this study were the precariousness working conditions, the poor working environment and long working hours of informal employees. Consequently, it can be said that the informality of these workers and the long hours of working time can cause some health problems. In line with this, it was noticed that the precariousness was even more evident in the years 2019 and 2020, which corresponded to the period of the Covid-19 pandemic. The methodology used was an exploratory and descriptive qualitative approach, followed by a semi-structured or open interview. Thus, it was possible to conclude that freelance operators occupy the class of informality and precarious work.

Keywords: Working conditions. Small business. Informality. Workers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1: Geração de postos de trabalho em 1 ano..... | 15 |
| Figura 2: Taxa de desemprego nos quatro primeiros trimestres dos anos de 2019 a 2021..... | 17 |
| Gráfico 1: Nível de ocupação e taxa de desocupação (2017 - 2020)..... | 18 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Dados sócio biográficos dos operadores entrevistados..... | 24 |
| Tabela 2: Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você recebeu algum tipo de treinamento para iniciar o trabalho?”..... | 25 |
| Tabela 3: Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você faz uso dos equipamentos de proteção individual e coletiva? A empresa fornece esses equipamentos?”..... | 25 |
| Tabela 4: Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Quais são as dificuldades diárias enfrentadas por você no trabalho?”..... | 26 |
| Tabela 5: Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você já sofreu algum tipo de acidente de trabalho?”..... | 26 |
| Tabela 6: Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você desenvolveu algum tipo de doença psíquica durante seu período de trabalho na empresa?”..... | 27 |
| Tabela 7: Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você trabalhou normalmente durante o período de pandemia..... | 28 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CIET – Conferencia Internacional de Estatísticos do Trabalho
- CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas
- CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
- EPI – Equipamento de Proteção Individual
- EPP – Empresa de Pequeno Porte
- EUA – Estados Unidos da América
- FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
- LTDA – Limitada
- NR – Norma Regulamentadora
- OIT – Organização Internacional do Trabalho
- PNAD – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua

SUMÁRIO

| | |
|---|--|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 1.1 Objetivo Geral | 14 |
| 1.2 Objetivos Específicos | 14 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO..... | 13 |
| 2.1 Trabalho informal precarizado e o adoecimento..... | Erro! Indicador não definido. |
| 2.3A informalidade associada à pandemia de Covid-19 | 18 |
| 3 METODOLOGIA | 20 |
| 3.1 Natureza do estudo | 20 |
| 3.2 Contextualização Organizacional..... | 20 |
| 3.3 População e Amostra..... | 21 |
| 3.4 Coleta de Dados | 22 |
| 3.5 Resultados e Discussões..... | 23 |
| 3.5.1 Caracterização dos Sujeitos..... | 23 |
| 3.5.2 Treinamentos no trabalho..... | 26 |
| 3.5.3 Uso de equipamentos de proteção individual e coletiva | 25 |
| 3.5.4 Dificuldades diárias enfrentadas no trabalho | 27 |
| 3.5.5 Acidentes de trabalho | 26 |
| 3.5.6 Desenvolvimento de doenças psíquicas | 27 |
| 3.5.7 Situação do trabalho durante a pandemia..... | 27 |
| 4 CONCLUSÃO | 28 |
| REFERÊNCIAS..... | 29 |

1 INTRODUÇÃO

A precarização do trabalho informal vem sendo muito discutida nos últimos anos. Isso se explica por conta do aumento no número de trabalhadores informais que estão inseridos no mercado de trabalho, submetidos a precárias condições e expostos a vários riscos. Além disso, por conta da pandemia do Covid-19, que explodiu no começo do ano de 2020 no Brasil, esse número aumentou ainda mais.

Se tratando da relação entre a informalidade e a precarização, julgou-se necessário compreender as consequências que essa relação traz para o dia a dia dos trabalhadores. A maioria desses trabalhadores são mais conhecidos como *freelancers*. O termo origina-se do inglês e é utilizado para denominação do profissional autônomo que atua em diferentes empresas e é responsável pela captação dos seus próprios clientes.

Vale ressaltar que a situação em que a maioria dos trabalhadores informais vivem é problemática, pois eles não têm acesso a uma legislação que os proteja, estando submetidos a extensas jornadas de trabalho e ganhando, muitas vezes, um valor diário desproporcional às horas trabalhadas.

Para melhor compreender a relação entre os trabalhadores informais e a precarização das condições de trabalho, utilizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, onde foi possível explorar a informalidade e a precarização em uma empresa de pequeno porte na condução dos estudos realizados. A empresa estudada conta com quatro operadores *freelancers* e treze operadores contratados com carteira assinada, que exercem o trabalho no combate de controle de pragas diariamente, os quais realizam um rodízio de acordo com a disponibilidade, tempo de empresa e NR's que possuem.

Se tratando da temática do estudo, a primeira seção conta com informações na qual abordam o conceito de trabalho informal, a precarização, o mercado de trabalho, o adoecimento e os impactos da pandemia do Covid-19 para os trabalhadores que estão na informalidade. Na metodologia, usou-se entrevistas com aplicação de questionários para levantamento de dados e possíveis comparações. Por fim, fazendo uma análise sobre esse assunto, foi realizada uma revisão bibliográfica relacionada à informalidade dos operadores *freelancers* e sua relação com a precarização das condições de trabalho em uma empresa de pequeno porte.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste estudo é compreender a relação existente entre a informalidade e a precarização das condições de trabalho dos operadores *freelancers* de uma empresa de pequeno porte.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entender os impactos da informalidade na qualidade de vida dos trabalhadores que prestam serviço em uma empresa de pequeno porte. Avalia-se também, a precarização evidenciada no dia a dia do trabalhador informal e, como consequência, a sua saúde física e mental.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TRABALHO INFORMAL PRECARIZADO E O ADOECIMENTO

O trabalho informal nada mais é do que trabalhadores domésticos sem carteira de trabalho assinada; trabalhadores por conta própria e empregadores que não contribuem, ambos, para a previdência social e trabalhadores familiares auxiliares (BRAGA, 2006). Nessa perspectiva, o setor informal é compreendido como as atividades laborais que possuem as piores condições de trabalho e, como a informalidade está atrelada à ausência de direitos trabalhistas e sociais, a inexistência dessas proteções são um forte indicador de empregos com baixa qualidade (CASSIAMALI, 2000). Vale ressaltar que, quanto maior a fragilidade da legislação protetora do trabalho e da organização sindical, maior será o grau de precarização das condições de trabalho, que independe do grau de modernização do ambiente laboral (PRAUN, 2014).

O aumento da informalidade a partir dos anos 90, segundo Dedeca e Baltar (1997), tem gerado discussão sobre os seus determinantes e, duas posições têm prevalecido como forma de justificar tal acontecimento. A primeira pode ser explicada pela destruição da base de trabalho assalariado e pela perda do dinamismo econômico e a segunda, se deve pelos elevados custos do emprego formal impostos pelo sistema nacional de relações de trabalho.

Vale ressaltar que a informalidade está ligada ao adoecimento do trabalhador que se dá pela precarização, pois ele se submete a longas jornadas de trabalho, maiores exposições de riscos à saúde e descumprimento de regulamento de proteção à saúde e segurança (DIAS, 2001). É

visível que esse aumento leva à precariedade, principal elemento do desenvolvimento do capitalismo, onde há uma criação de condição social vulnerável, ou seja, um processo que altera as condições de trabalho (DRUCK, 2011).

Com isso, para compreender a relação entre a precarização e a informalidade, o trabalho informal é classificado em três aspectos. Os menos instáveis, em que o mínimo de reconhecimento profissional é necessário e a grande maioria está presente no setor de prestação de serviços, os instáveis, que representam os trabalhadores temporários com baixa qualificação escolar e profissional e, por fim, os trabalhadores informais tradicionais, que são os chamados de “bicos”, realizado para complementar a renda da família. Eles realizam trabalhos eventuais que necessitam, na maioria das vezes, de força física pela realização de atividades de baixa qualificação (ANTUNES, 2011).

Vale ressaltar que a informalidade está ligada ao adoecimento do trabalhador, pois ele se submete a longas jornadas de trabalho, maiores exposições de riscos à saúde e descumprimento de regulamento de proteção à saúde e segurança (DIAS, 2001). As manifestações de adoecimento e os acidentes de trabalho não são fenômenos novos e sim, tão antigos quanto a submissão a diferentes formas de exploração do trabalho. Uma parcela da classe trabalhadora passa a vivenciar diferentes modalidades de vínculos e condições de trabalho, sujeitas a um menor desenvolvimento tecnológico e jornadas extensas, com maior vulnerabilidade e insegurança (ANTUNES, 2015).

É importante discutir também sobre como a saúde do trabalhador é tratada diante dessa situação, pois ele não tem direito aos benefícios relacionados à saúde fornecidos pela empresa contratante, quando está sujeito a informalidade e nem a situações financeiras favoráveis (DRUCK, 2011). Outro ponto importante é, segundo Seligmann Silva et al. (2010), a relação entre a saúde mental e o trabalho como um panorama no qual o trabalhador passa por pressões psíquicas de maneira avançada.

Nos últimos anos, ficou ainda mais evidente a relação entre a informalidade e a saúde mental dos trabalhadores que estão na informalidade, percebendo-se que o tempo foi comprimido e a jornada de trabalho aumentou. O trabalhador se desdobra para executar sozinho o que era o trabalho de duas ou três pessoas (PRAUN, 2014). Isso ocorreu devido às inúmeras evoluções tecnológicas, por conta da globalização e acabou acarretando em modificações no ambiente de

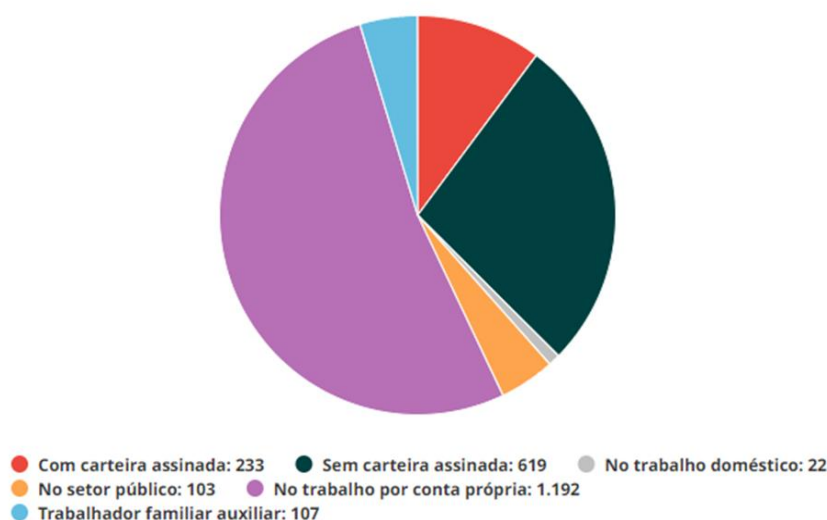
trabalho e, por consequência, à saúde mental do agente de trabalho é algo a ser levado em consideração, se tratando da informalidade (SILVA et al, 2010).

Em 2018, de acordo com o PNAD (Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílio Contínua) (2019) a informalidade aumentou, chegando a 36,5 mil trabalhadores sem carteira assinada no Brasil, excluindo os domésticos, no primeiro trimestre. Esse fator continuou se agravando durante o ano de 2019, os números foram para 38,4 mil no segundo trimestre e 38,7 no terceiro trimestre.

A Organização Mundial da Saúde, estima que cerca de 30% dos trabalhadores denominados como ocupados, ou seja, aquelas pessoas que trabalham em troca de remuneração em dinheiro, produtos, mercadorias, benefícios ou sem remuneração direta em ajuda à atividade econômica de membro do domicílio, são afetados por menores transtornos mentais, ao passo que 5 a 10% são acarretados por transtornos mentais de maior gravidade. (DIAS, 2001).

A população ocupada, atuou com recorde dos últimos anos e 41,3% dessa população correspondem a trabalhadores informais. No primeiro trimestre de 2018, os informais representavam 40,5% da população ocupada e foram gerados 2,2 milhões de postos de trabalho no país, o que correspondeu a 1.192 trabalhadores autônomos, sendo apenas 327 mil com CNPJ. Ao todo são 619 mil empregadores sem carteira e 107 mil a ocupações de auxílio familiar, ou seja, cerca de 75% das vagas criadas estão relacionadas ao trabalho informal (FIG. 1) (ALVARENGA; SILVEIRA, 2019).

Figura 1 – Geração de postos de trabalho em 1 ano.



Fonte: IBGE, 2019.

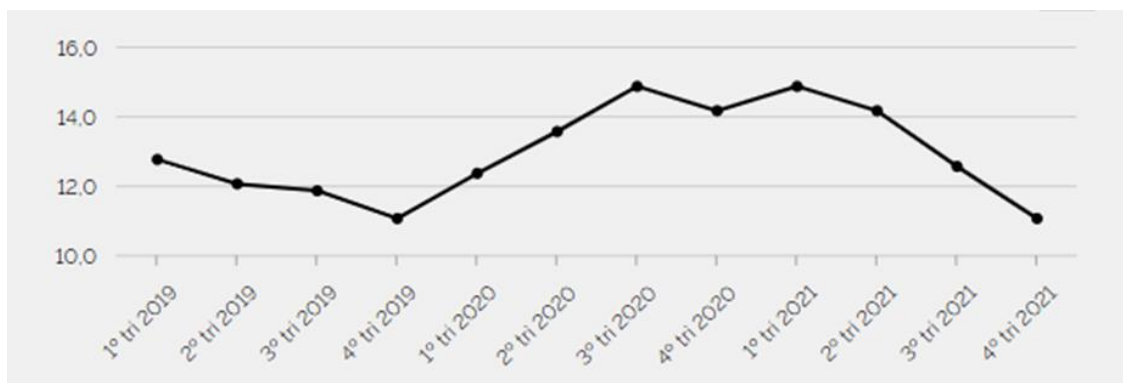
A intensificação do trabalho informal é um fator que representa a precarização no país que, no dia a dia, apresenta excesso de horas trabalhadas, condições de trabalho ruins e a possibilidade de poder ser descartado ou substituído a qualquer momento. Devido a isso, qualquer indício de luta pelos direitos dos trabalhadores e organização sindical não traz segurança a esses trabalhadores, pois o medo de retaliação e o impacto gerado pela instabilidade por parte dos trabalhadores cria uma pressão muito grande que impede estas formas organizacionais de acontecerem (STEHLLING, 2019).

De acordo com o IBGE (2021), esses dados em relação à informalidade vêm aumentando, os trabalhadores informais atingiram recorde na informalidade nesse ano de 2020, apresentando 41,4% do total da população ocupada no país e representando o maior índice desde 2012, ano que se deu início às pesquisas do órgão responsável por esses dados. Entre outubro e dezembro de 2021, o número de empregados formais subiu 2,9% em relação ao trimestre anterior, ou seja, 987 mil pessoas a mais. Já os trabalhadores informais, o aumento foi de 6,4% ou de 753 mil pessoas e, de acordo com o IBGE, existem cerca de 13,9 milhões de desempregados no país.

É necessário levar em conta que a taxa de desemprego no Brasil caiu para 11,1% no quarto trimestre de 2021 e no terceiro trimestre essa taxa chegava a 12,6% de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). Além disso, o ano de 2021 também foi marcado pelo início da retomada da ocupação dos setores de serviços. Dentre eles, os serviços domésticos tiveram destaque, com o maior aumento percentual, chegando a 6,7%. Devido ao aumento de 9,9% em 2020 dos trabalhadores informais, a taxa de informalidade passou de 38,3% para 40,1 % (PNAD, 2022).

A pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (2022) apontou ainda, que a taxa média anual de desemprego em 2021 foi de 13,2%, indicando uma possibilidade de recuperação, se comparado ao ano de 2020, pois o mercado de trabalho sentiu os maiores impactos da COVID-19 (FIG.2).

Figura 2 – Taxa de desemprego nos 4 primeiros trimestres dos anos de 2019 a 2021.



Fonte: IBGE, 2022.

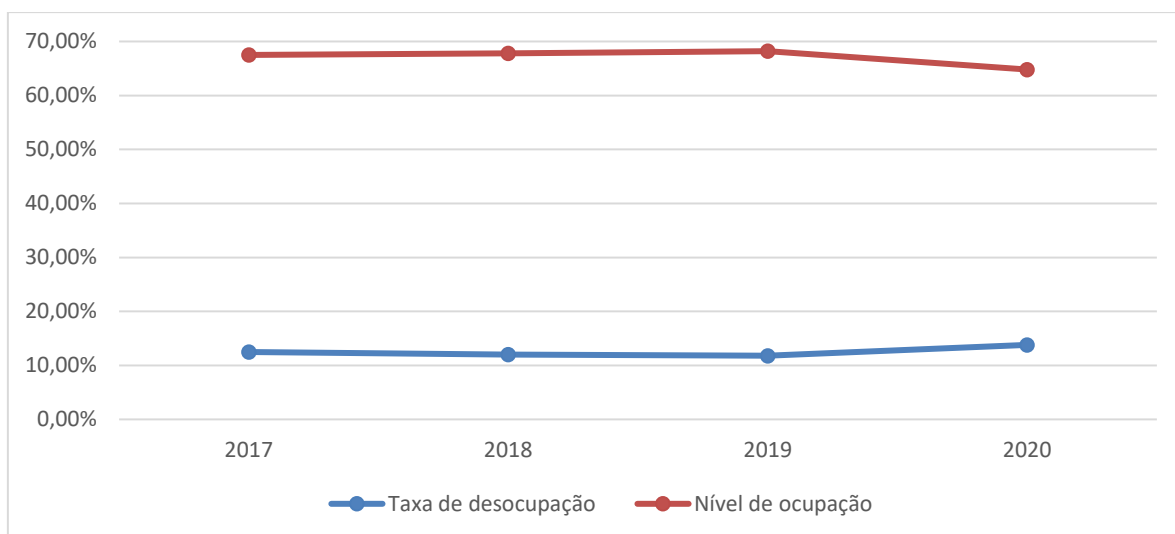
2.3 A INFORMALIDADE ASSOCIADA À PANDEMIA DE COVID-19

De acordo com Silva et. al. (2020), a pandemia de coronavírus obrigou famílias a se adaptarem a economia mundial, trazendo junto com elas inúmeros desafios. Nesse contexto, a população mais vulnerável é aquela que vive nessa situação informal porque estão à margem do sistema de proteção social, que está ligada ao conjunto de ações por parte do Estado que garantem ao trabalhador a proteção contra riscos sociais, econômicos e naturais (MOSSI, 2020).

Vale ressaltar que os trabalhadores informais têm rendimentos baixos e irregulares, se comparados aos trabalhadores formais, não tem direito aos acessos a sistemas privados de saúde, sistema de proteção social vinculado à carteira de trabalho assinada, como férias, salário-mínimo, 13º salário, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e, junto a isso, cumprem jornadas extensas e cansativas (KREIN & PRONI, 2010).

Nessa perspectiva, o mundo do trabalho foi muito afetado, ou com a perda de emprego e renda ou com o aumento ainda maior da informalidade, uma vez que a pandemia do Covid 19 e suas medidas de distanciamento social impediram muitos trabalhadores de exercerem suas atividades e gerarem renda (ARAÚJO; BRANDÃO, 2021). Em relação à economia, houve um grande impacto por conta da pandemia em 2020 e isso resultou na piora de alguns indicadores (GRÁF. 1).

Gráfico 1 – Nível de ocupação e taxa de desocupação (2017-2020).



Fonte: Adaptado de IBGE,2021.

É possível perceber uma queda no nível de ocupação e um aumento na taxa de desocupação exatamente nos anos em que a pandemia se iniciou, em 2019 e 2020. (IBGE, 2021).

Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), cerca de 1,6 bilhão de trabalhadores informais sofrem consequências devido às medidas restritivas de isolamento por conta da COVID-19. No primeiro mês da pandemia, estima-se que a renda desses trabalhadores foi reduzida em 60% em média (ILO, 2020). Por conta disso, foi criado o auxílio emergencial para minimizar o impacto econômico sobre o trabalho e a renda, onde foi previsto o repasse de R\$ 600,00 ou R\$ 1200,00 reais mensais durante três meses para aqueles inseridos no trabalho informal e para os de baixa renda e também para microempreendedores e contribuintes individuais do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) (SOARES; GANDRA, 2021).

Em consonância, o trabalhador informal teve que enfrentar a pandemia sem o direito de solicitação de um auxílio-doença ou até mesmo uma possível chance de desligamento, impedindo que o trabalhador tivesse garantia do seu sustento familiar (MOSSI, 2020).

Segundo dados do IBGE em junho de 2020, cerca de 29,4 milhões de domicílios receberam o auxílio, o que corresponde a 43% do total de domicílios. No mês de maio eram 26,3 milhões de domicílios, ou seja, 38,7% de famílias foram beneficiadas e, até dezembro de 2020 foi destinado aos beneficiários mais R\$275 bilhões. É necessário ressaltar que o auxílio não contempla todas as necessidades familiares, mas pode suprir as necessidades básicas de uma

família, ou seja, o auxílio emergencial se fez extremamente importante para manutenção dos níveis de renda de moradias próximos aos habituais, possuindo um efeito sobressalente aos mais pobres, tendo em vista que a quantia média do auxílio excedeu o faturamento médio normalmente recebido pelos domicílios (BARBOSA; PRATES, 2020).

Por fim, fica evidente que os impactos da COVID-19 refletiram muito mais nos trabalhadores informais, pois é um tipo de trabalho caracterizado pela fragilização e individualização das relações contratuais. Para eles, a pandemia causou uma diminuição drástica na demanda de trabalho e nos rendimentos e, assim, ressalta-se a grande vulnerabilidade que os trabalhadores encontram na posição que estão (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2021).

3 METODOLOGIA

3.1 NATUREZA DO ESTUDO

O presente estudo de caso foi realizado em uma empresa de serviços de desinsetização, desratização, descupinização, controle de pombos, morcegos e limpeza de caixas d'água na cidade de Jacareí – São Paulo. Assim, realizou-se uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, pois esse método permite ao pesquisador explorar melhor as variáveis na condução dos estudos acerca do objeto a ser pesquisado (COOPER; SCHINDLER, 2003).

Para o levantamento de dados, utilizou-se entrevistas semiestruturadas abertas com aplicação de questionários com objetivo de identificar os elementos que melhor descrevessem as consequências geradas pela informalidade para o trabalhador, permitindo a identificação de alguns pontos expostos no referencial teórico (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 187).

O método qualitativo fundamenta-se em informações deduzidas das interações interpessoais e da coparticipação dos informantes. O pesquisador é um participante ativo, ele interage em todo o processo, compreende, interpreta e analisa os dados a partir das informações coletadas (FIGUEIREDO; SOUZA, 2011, p.97).

Por ser um estudo que aborda as consequências do trabalho informal e a precarização em uma empresa de pequeno porte, se viu necessário utilizar o estudo exploratório e, sendo assim, permitirá a partir disso fazer com que o pesquisador se familiarize com as características e peculiaridades do trabalho exercido pelos operadores *freelancers* da empresa.

Segundo, Figueiredo e Souza (2011, p. 103), a pesquisa exploratória consiste também em investigações empíricas, porém com o objetivo de formular questões ou problemas, com tripla finalidade: aumentar a familiaridade do pesquisador com um fato, ambiente ou fenômeno, para realização de uma pesquisa futura mais precisa, desenvolver hipóteses ou modificar e clarificar conceitos.

Porém de acordo com objetivo do estudo que é compreender a relação existente entre a informalidade e a precarização das condições de trabalho dos *freelancers* de uma empresa de pequeno porte, percebeu a necessidade de utilizar também o estudo descritivo, pois ele descreve os elementos e situações e, assim, explorá-lo de forma mais precisa.

O objetivo das pesquisas descritivas é a descrição das características de determinada população. Elas podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis. As pesquisas rotuladas como descritivas representam os maiores números e as que são produzidas com propósitos profissionais, em sua maioria, possivelmente se adequa a esta categoria (GIL, 2010).

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO ORGANIZACIONAL

O cenário da pesquisa é a empresa Combate Controle de Pragas e Serviços Gerais LTDA – EPP, que foi objeto de escolha em virtude da facilidade de acesso aos dados, uma vez que a pesquisadora realizou estágio curricular, podendo acompanhar o dia a dia dos operadores por um período de nove meses. A empresa é uma franquia fundada em 1988 no Brasil, com o intuito de oferecer soluções seguras e adequadas proporcionando uma tecnologia avançada. Além disso, ela mantém parcerias com empresas nos EUA e Europa, visando buscar essas mais avançadas tecnologias para oferecer a seus clientes no Brasil. A franquia que foi realizado o estudo de caso situa-se na região do Vale do Paraíba, na cidade de Jacareí – São Paulo.

A empresa conta com 5 serviços que são prestados de forma eficiente, entre eles, controle de roedores, insetos rasteiros e voadores, controle de xilófagos (cupins e brocas), desinfecção de ambientes contra a COVID – 19, controle de pássaros e tecnologia em água.

Para administrar todos esses serviços, a Combate conta com 15 funcionários na parte administrativa que realizam funções como vendas, recursos humanos, financeiro e licitação, pois a empresa atua em todo o estado de São Paulo, Paraná e Sul de Minas. Além disso, devido

à alta demanda de serviços, a empresa conta com 17 operadores que trabalham prestando o serviço, sendo eles 4 *freelancers* que são pagos diariamente, em caso de chamado para realização de algum serviço prestado pela empresa. Os trabalhadores, incluindo contratados com carteira assinada e *freelancers*, são separados por equipes, manhã, tarde e noite e, a rotatividade é feita de acordo com a demanda dos clientes.

Os operadores contratados com carteira assinada participaram dos cursos de NR 35(Trabalho em altura) e NR 33(Segurança e saúde nos trabalhos em espaços confinados) fornecidos por uma empresa terceirizada, possuem certificado e receberam treinamento para execução dos serviços que são prestados pela empresa. O mesmo não aconteceu com os *freelancers*, eles contaram com a ajuda de funcionários antigos, que explicaram como o serviço deveria ser realizado. Tudo foi aprendido na prática e, vale ressaltar que eles não possuem os cursos de NR's e, portanto, estão restritos a executar os serviços em algumas empresas que exigem essa certificação. Isso nos leva a concluir que, por conta do despreparo, podem acontecer acidentes.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população escolhida para o estudo foram os operadores *freelancers* da empresa. Essa população foi selecionada a partir do momento em que o pesquisador observou que havia trabalhadores contratados com carteira assinada, inclusive em todos os benefícios e os *freelancers*, onde prevalece a informalidade e a ausência dos direitos trabalhistas. Assim, houve a necessidade de utilizar os operadores *freelancers* como sujeitos da pesquisa devido a serem os trabalhadores diretamente ligados à prática do trabalho exercido pela empresa. Tendo como participantes da pesquisa 4 *freelancers* e 2 trabalhadores contratados com carteira assinada, o quantitativo dos entrevistados se deu através da disponibilidade dos profissionais. Ademais, vale ressaltar que todos os operadores *freelancers* da empresa se disponibilizaram a participar da pesquisa.

3.4 COLETA DE DADOS

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.163) aponta que:

“Os métodos e as técnicas a serem empregados na pesquisa científica podem ser selecionados desde a proposição do problema, da formulação das hipóteses e da delimitação do universo ou da amostra”.

A escolha da entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados foi relevante para que sejam respondidas as questões norteadoras presentes no seguinte trabalho, que são as seguintes: (1) Você recebeu algum tipo de treinamento para iniciar o trabalho? (2) Você faz uso de equipamentos de proteção individual e coletiva? A empresa fornece esses equipamentos? (3) Quais são as dificuldades diárias que você enfrenta no trabalho? (4) Você já sofreu algum tipo de acidente de trabalho? (5) Você desenvolveu algum tipo de doença psíquica durante seu período de trabalho na empresa? (6) Você trabalhou normalmente durante o período de pandemia? As informações foram coletadas no período de 20/06/2022 a 27/06/2022, por meio de entrevistas semiestruturadas abertas.

Dessa forma Gil (2010, p.120 - 121) destaca que:

a entrevista requer múltiplos cuidados em sua condução, tais como: a) Definição da modalidade de entrevista pode ser: aberta (com questões e sequência predeterminadas, mas com ampla liberdade para responder), guiada (com formulação e sequência definidas no curso da entrevista), por pautas (orientadas por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso) ou informal (que se confunde com a simples conversação). b) Quantidade de entrevista. As entrevistas devem ser números suficientes para que se manifestem todos os pontos relevantes. Cabe considerar que a pesquisa se refira a um caso único, como uma empresa, este pode envolver múltiplas unidades de análise, como os seus departamentos, por exemplo, exigindo, portanto, maior quantidade de entrevistados. c) Seleção dos informantes. Devem ser selecionadas pessoas que estejam articuladas cultural e sensitivamente com o grupo ou organização. Nem sempre os dirigentes máximos de uma organização são os melhores informantes. d) Negociação da entrevista.

Como as pessoas, de modo geral, não têm uma razão pessoal forte para fornecer as respostas desejadas, recomenda-se esclarecer os objetivos da entrevista e definir os papéis das duas partes. A partir do que foi apresentado acima, o estudo tem a modalidade de entrevista semiestruturada aberta, pois o objetivo geral da pesquisa é compreender a relação existente entre a informalidade e a precarização das condições de trabalho dos *freelancers* de uma empresa de pequeno porte e assim, há a necessidade de que o entrevistado tenha a liberdade de contextualizar a temática.

Após o esclarecimento sobre o objeto geral da pesquisa, metodologia e importância do sujeito em participar da pesquisa, foi realizado o convite para a participação da pesquisa e a concordância do profissional. Em relação às entrevistas, foi feita através de um formulário de respostas do Google, pois a empresa é localizada em São Paulo. As informações dos profissionais que participaram, foram mantidas sob sigilo e caracterizadas, no início de cada entrevista, através de códigos de acordo com a ordem de entrevista, por exemplo: E1 foi o primeiro entrevistado e assim sucessivamente.

3.5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram analisados a partir do momento que atingiu a quantidade significativa estabelecida pela pesquisa, que foi a participação de 100% dos operadores *freelancers* da empresa. A organização dos dados se deu através das transcrições das entrevistas e posterior digitação no computador. Dessa forma foi feita uma análise de discurso, sendo possível analisar os dados coletados e assim, observou-se que a maioria dos entrevistados não estão satisfeitos com a situação em que se encontram.

O presente capítulo refere-se à apresentação e análise dos resultados obtidos através da aplicação do questionário com um grupo de colaboradores da empresa, sendo eles quatro *freelancers* e dois trabalhadores contratados com carteira assinada, relacionando-os para contribuir com considerações coerentes e importantes ao estudo.

3.5.1 Caracterização dos sujeitos

A amostra foi constituída de 6 profissionais operadores de pragas, sendo eles 4 *freelancers* e 2 contratados. Na TAB. 1 é detalhada a idade, sexo e tempo de empresa de cada entrevistado.

Tabela 1 - Dados sócio biográficos dos operadores entrevistados

| CÓDIGO | IDADE | TEMPO DE EMPRESA | TIPO DE CONTRATAÇÃO | SEXO |
|-------------------|-------|------------------|---------------------|-----------|
| ENTREVISTADO 1 | 23 | 1 ANO E 7 MESES | <i>FREELANCER</i> | MASCULINO |
| ENTREVISTADO 2 | 25 | 2 ANOS | <i>FREELANCER</i> | MASCULINO |
| ENTREVISTADO 3 | 19 | 1 ANO | <i>FREELANCER</i> | MASCULINO |
| ENTREVISTADO 4 | 22 | 8 MESES | <i>FREELANCER</i> | MASCULINO |
| ENTREVISTADO 5 | 26 | 8 ANOS E 5 MESES | CLT | MASCULINO |
| ENTREVISTADO 6 | 23 | 2 ANOS E 7 MESES | CLT | MASCULINO |

Fonte: Arquivo Pessoal (dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos).

A partir do quadro acima se observa que os operadores têm idade predominantemente na faixa etária de 19 a 26 anos, com predominância do sexo masculino. A Combate é constituída por uma equipe profissional e os entrevistados foram apresentados no quadro acima. Essa equipe profissional atua diretamente no cuidado com o combate às pragas.

3.5.2 Treinamentos no trabalho

Os dados coletados foram lidos, relidos e organizados a partir da similaridade dos enunciados que serão apresentados na TAB. 2.

Tabela 2 – Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você recebeu algum tipo de treinamento para iniciar o trabalho?”

| DEPOIMENTOS DA ENTREVISTA |
|--|
| “Não, só explicações na hora do trabalho”. E1 |
| “Não tive treinamento, só uma orientação básica e já comecei a trabalhar. Só tive treinamento quando alguma empresa terceirizada exigia”. E2 |
| “Só o que eles me falam pra fazer na hora”. E3 |
| “Aprendi na prática”. E4 |
| “Sim, treinamento NR 33 para serviço em altura, NR 35 para trabalhar em espaço confinado.” E5 |
| “Sim NR35 NR33.” E6 |

Fonte: Arquivo Pessoal (dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos).

3.5.3 Uso de equipamentos de proteção individual e coletiva

Pesquisa realizada para investigar se há o fornecimento e utilização de EPI´s para realização do trabalho (TAB. 3).

Tabela 3 – Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você faz o uso de equipamentos de proteção individual e coletiva? A empresa fornece esses equipamentos?”

| DEPOIMENTOS DA ENTREVISTA |
|--|
| “Só o sapato de segurança”. E1 |
| “A empresa fornece o básico, mas nem sempre o básico é suficiente. Muitas vezes tive que trabalhar sem o epi adequado”. E2 |
| “Sim, tem trampo que precisa usar”. E3 |
| “Só quando a empresa exige”. E4 |

| |
|---|
| “Sim, a empresa fornece todos”. E5 |
| “Uso diariamente A empresa fornece todos os epis necessários”. E6 |

Fonte: Arquivo Pessoal (dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos).

3.5.4 Dificuldades diárias enfrentadas no trabalho

Coleta de dados realizada para identificar as dificuldades diárias do trabalhador (TAB. 4).

Tabela 4 – Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Quais são as dificuldades diárias enfrentadas por você no trabalho?”

| DEPOIMENTOS DA ENTREVISTA |
|--|
| “Não tem tempo de descanso, começa de manhã e acaba à noite e recebo por dia”. E1 |
| “Não tenho horário fixo, muitas horas trabalhadas, falta de epi, falta de comunicação entre os setores da empresa, carros sem manutenção e falta de respeito entre os colegas de trabalho”. E2 |
| “Como freelancer as horas não são proporcionais ao que recebo por dia, varia de pouca e muitas horas de trabalho, independente disso o pagamento é o mesmo”. E3 |
| “A empresa não dá muito valor aos funcionários, muito menos aos freelancers”. E4 |
| “Muitas horas, horário indefinido”. E5 |
| “São diversas dificuldades, como excesso de peso e muitas horas trabalhadas”. E6 |

Fonte: Arquivo Pessoal (dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos).

3.5.5 Acidentes de trabalho

Relatos cedidos pelos entrevistados acerca de acidentes que os acometeram (TAB. 5).

Tabela 5 – Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você já sofreu algum tipo de acidente de trabalho?”

| DEPOIMENTOS DA ENTREVISTA |
|--|
| “Estava dentro de uma torre de caixa de água e a escada quebrou, fiquei pendurado no cinto de segurança. Bati a cabeça na parede da caixa, sorte que estava de capacete”. E1 |
| “Sim, ferimento na mão fazendo manutenção nas máquinas, irritação nos olhos durante o trabalho e alergia nas mãos”. E2 |

| |
|--|
| “Sim, cortes por falta de atenção ao mexer com equipamentos, ralados por passar em lugares apertados etc”. E3 |
| “Usamos uma máquina que tem um motor de combustão e essa máquina esquenta muito. Uma vez a máquina esquentou tanto que pegou fogo e tive queimaduras na mão e antebraço. Meu colega teve que apagar o fogo da máquina e me ajudar”. E4 |
| “Não, nunca.” E5 |
| “Nenhum acidente”. E6 |

Fonte: Arquivo Pessoal (dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos).

3.5.6 Desenvolvimento de doenças psíquicas

Informações coletadas acerca do desenvolvimento de doenças psíquicas na jornada de trabalho (TAB. 6).

Tabela 6 – Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você desenvolveu algum tipo de doença psíquica durante seu período de trabalho na empresa?”

| DEPOIMENTOS DA ENTREVISTA |
|--|
| “Tenho medo de entrar nas torres de caixa de água. Já avisei o pessoal da empresa que não consigo mais e depois do dia que quase caí dentro de uma, fico nervoso quando subo e olho pra dentro dela. Até consigo subir na parte de fora, mas dentro me sinto sufocado”. E1 |
| “Não”. E2 |
| “Não”. E3 |
| “Por entrar em lugares apertados e escuros, comecei a me sentir meio claustrofóbico”. E4 |
| “Não”. E5 |
| “Não”. E6 |

Fonte: Arquivo Pessoal (dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos).

3.5.7 Situação do trabalho durante a pandemia

Dados coletados para investigar a normalidade nos horários de trabalho durante a pandemia (TAB.7).

Tabela 7 – Depoimentos dos entrevistados sobre a pergunta “Você trabalhou normalmente

durante o período de pandemia?”

| DEPOIMENTOS DA ENTREVISTA |
|--|
| “Sim, a empresa não parou em nenhum momento”. E1 |
| “Sim, inclusive peguei covid trabalhando, pois viajamos muito”. E2 |
| “Sim, trabalhei bastante inclusive”. E3 |
| “Sim, trabalhei normalmente, pois tivemos muito mais serviço”. E4 |
| “Sim, no começo reduzimos as jornadas de trabalho, mas logo depois normalizou”. E5 |
| “Sim”. E6 |

Fonte: Arquivo Pessoal (dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos).

Após a entrevista, ficou evidente que os *freelancers* são a classe mais desfavorecida na empresa estudada. Isso pode ser visto pelo fato de os trabalhadores contratados com carteira assinada, terem acesso aos equipamentos de proteção necessários para realizar o serviço com o mínimo de segurança. Já para os *freelancers* não são fornecidos esses equipamentos e eles acabam ficando mais vulneráveis ao ambiente laboral.

Outro ponto importante é que os *freelancers* não tem acesso aos direitos trabalhistas e, por estarem em um ambiente de condições precárias como foi citado anteriormente, eles precisam arcar com os custos caso haja um acidente, como foi mencionado pelo trabalhador E1, que teve um corte profundo e precisou ser hospitalizado para realizar o procedimento. Além disso, os *freelancers* tiveram que trabalhar durante a pandemia e estavam mais expostos aos riscos de se contaminar com o vírus do Covid-19 que foi o que aconteceu com um deles, porém, não tiveram nenhuma assistência da empresa.

Por fim, o último ponto seria o fato de que os trabalhadores com carteira assinada recebem suas horas extras de trabalho e já os *freelancers*, como são pagos por dia, o número de horas trabalhadas não influi no valor acordado pago para eles.

4 CONCLUSÃO

Ao final deste estudo, percebeu-se que a precarização está presente na informalidade, uma vez que os trabalhadores informais não possuem benefícios semelhantes a aqueles com carteira

assinada, são obrigados a cumprir extensas jornadas de trabalho em ambiente hostil, submetendo o trabalhador a possíveis alterações psíquicas, de bem-estar e à inseguridades.

A realização do estudo em um cenário pandêmico reforça ainda mais as precariedades dos postos de trabalhos informais. Isso ocorre, pois a pandemia trouxe junto a ela um isolamento social dificultando, principalmente, a execução desse modelo de trabalho. Assim, a insegurança aumentou ainda mais devido ao fato desses trabalhadores não receberem auxílio e estarem mais vulneráveis a contrair a doença, por não ter acesso à saúde privada.

Em relação ao método da pesquisa, foi escolhida a abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, por meio de entrevistas semiestruturadas abertas, possibilitando assim, que os entrevistados tenham uma maior liberdade para descrever o que realmente acontece dentro da empresa no dia a dia desses trabalhadores. Foi possível perceber com os relatos dos trabalhadores dessa empresa, que fica evidente que os *freelancers* ocupam a classe da informalidade e de trabalho precário. Isso é visto em uma comparação de narrativa dos entrevistados E5 e E6 (contratados) e E1, E2, E3 e E4 (*freelancers*), sobre o uso de equipamentos de proteção individual que não são disponibilizados para os trabalhadores informais e, conseqüentemente, estão mais expostos a acidentes de trabalho. Vale ressaltar também o excessivo número de horas trabalhadas, pois trabalhando 10 ou 15 horas por dia, o valor do pagamento se mantém no preço da diária.

Dessa forma, como sugestão de melhoria, propõe-se que haja a criação de leis futuras que assegurem o trabalhador informal, para que ele tenha estabilidade, acesso aos direitos básicos e necessários para sua saúde ocupacional. Além disso, a empresa pode optar pelo modelo cooperativo, onde o *freelancer* seria contratado como autônomo e assim, poderia usufruir de algumas seguridades, por exemplo, a de demissão. Caso isso aconteça, o cooperado estará segurado de ser realocado em outra empresa parceira dessa corporativa. Para a empresa, o trabalhador não teria os custos de um contratado e, ambos saem com um benefício.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era de precarização estrutural do trabalho?** São Paulo, 2011. 205-419 p.

ALVARENGA, Darlan; SILVEIRA, Daniel. **Desemprego cai para 11,8% em julho, mas ainda atinge 12,6 milhões.** G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/30/desemprego-fica-em-118percent-em-julho-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 15 de Abril de 2022.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 123, p. 407-427, Julho a Setembro de 2015.

BARBOSA, Jerônimo Rogério; PRATES, Ian. **Efeitos do Desemprego, do Auxílio Emergencial e do Programa Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda (MP nº 936/2020) sobre a Renda, Pobreza e a Desigualdade Durante e Depois da Pandemia.** Boletim Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise, n. 69, p. 65-79, jul. 2020.

BRAGA, T. Silveira. **O setor informal e as formas de participação na produção: os casos das regiões metropolitanas de Salvador e Recife.** In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambú, 2006.

CACCIAMALI, Maria C. **“Globalização e processo de informalidade. Economia e Sociedade.** Campina. SP. UNICAMP. (14). ppp153-174. Junho 2000

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração.** Porto Alegre: Bookman, 2003.

DIAS, Elizabeth Costa. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde.** Ministério da Saúde do Brasil Ministério da Saúde do Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde /OMS, Representação no Brasil da OPAS/OMS; Idelberto Muniz Almeida et al. – Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.

DEDECCA, Claudio Salvatore; BALTAR, Paulo Eduardo de Andrade. **Mercado de trabalho e informalidade nos anos 90.** Est. Econ., São Paulo, v27, N. Especial, p. 65-84, 1997.

DRUCK, Graça. **Trabalho, Precarização e Resistências: novos e velhos desafios,** p. 37-57, Salvador, 2011.

FIGUEIREDO, Antônio Macena; SOUZA, Soraia Riva Goudinho. **Como Elaborar, Projetos, Monografias, Dissertações e teses.** – 4. ed.- Rio de Janeiro:Lumen Juris, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.**- 5. ed. –São Paulo: Atlas, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Painel de Indicadores. 2022.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indicadores#desemprego>. Acesso em 12 de Abril de 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Síntese de Indicadores Sociais: em 2020, sem programas sociais, 32,1% da população do país estariam em situação de

pobreza. 3 de Dezembro de 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/32418-sintese-de-indicadores-sociais-em-2020-sem-programas-sociais-32-1-da-populacao-do-pais-estariam-em-situacao-de-pobreza>. Acesso em 12 de Abril de 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.(IBGE). Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2021. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica número 44. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101892.pdf>. Acesso em 13 de Abril de 2022.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). 90th Session of the International Labour Conference. Report VI, Decent work and the informal economy. Geneva: ILO, June 2002.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION – ILO. ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Third edition. Updated estimates and analysis. Geneva: ILO, 2020.

KREIN, J. D., & PRONI, M. W. **Economia informal: aspectos conceituais e teóricos**. Brasília, DF, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª Edição. São Paulo. Editora ATLAS S.A. – 2003

MOSSI, Thays. **Impacto da pandemia no trabalho informal**. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/impacto-da-pandemia-no-trabalho-informal>. Acesso em 14 de Maio de 2022.

OLIVEIRA, Graziella Lage; RIBEIRO, Adalgisa Peixoto. **Relações de trabalho e a saúde do trabalhador durante e após a pandemia de COVID-19**. Cadernos de Saúde Pública(CSP) 2021; 37(3). Março de 2021.

PAINEL de indicadores. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indicadores#desemprego>. Acesso em: 15 de Abril de 2022.

PNAD. **Mercado de trabalho: pessoas ocupadas informalmente**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Brasil, 2019. Disponível em: <https://painel.ibge.gov.br/pnadc/>. Acesso em 15 de Abril de 2022.

PNAD. **Desemprego no país cai para 11,1% no quarto trimestre de 2021**. 25 de Fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/trabalho-e-previdencia/2022/02/desemprego-no-pais-cai-para-11-1-no-quarto-trimestre-de-2021>. Acesso em 20 de Abril de 2022.

PRAUN, Lucieneida Dováo. **Não sois máquina! Reestruturação produtiva e adoecimento na General Motors do Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

Seligmann-Silva, E.; Bernardo, M.; Maeno, M.; Kato, M. **O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador.** Rev. bras. Saúde ocup., São Paulo, 35 (122): 187-191, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/WLqRPd87NwyFw5sq83tS6nM/?lang=pt>. Acesso em: 27 de Abril de 2022.

SOARES, Iara de Araújo; GANDRA, Viviane Bernadeth Brandão. **Trabalho e renda no contexto de pandemia de COVID-19 no Brasil.** Novo Hamburgo, 7 de Abril de 2021. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2545/2851>. Acesso em 12 de Maio de 2022.

STEHLLING. Matheus Alves. **A precarização e a informalidade no mercado de trabalho brasileiro.** Monografia de Graduação. Mariana, 2019.